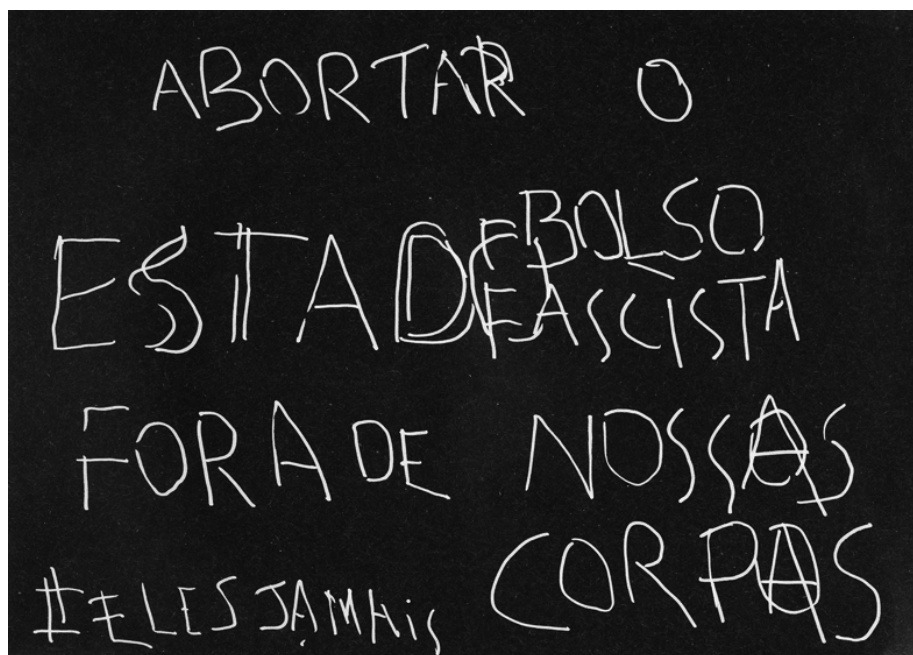


Feminismos bastardos.
Feminismos tardios.
Abortar o estado heteropatriarcal.

@laranja108



Eu sou a puta que pariu.
Eu sou a puta aborteira que pariu e que sabe muito bem cuidar, e também negar cuidado.
Eu sou a puta que pariu corpos livres.
E como aprendi com Ni Una Menos da Argentina. *Eles* são os filhos doentes do patriarcado. Mal paridos pelo patriarcado.

Imagine que este texto seja uma colagem. De muitas vozes e muitas vidas. Algumas subsumidas, algumas achatadas. Algumas vidas que se associam a outras que se pronunciam. Este texto é uma colagem. Aliás, leia esse texto com os contratempos e os infratempos e as síncopes dos tempos de um processo não linear, caótico e assustador da instituição da merda patriarcal. Heterocapitalista, machista, racista e misógina. Ou ao invés de merda, podemos dizer instituição do 'pão com leite condensado' heteropatriarcal. Afinal, a mais recente instituição assim o é, também. A nova versão de 'pão com leite condensado' (pra quem não sabe, um bando de homens se masturbando ao redor de um punhado de pães...) segue o golpe que retirou Dilma do poder, e segue o golpe a cada dia.

Esse texto se escreve com os tempos de uma maternidade, de alguns abortos, e

de estupros, estupros coletivos inclusive, e de apologias à violência de inúmeras formas, e de violência real, e de ... muitos protestos, twitters, hashtags, tomadas das ruas, rituais afroameríndios, peitos de fora... choros, novos enunciados. Uma – ou mesmo duas – eleições. E um golpe, já mencionado. E ah! Uma prisão. Exemplar. Histórica. Ideológica. Polícia política. O tempo da escrita é um tempo que pode coincidir com o seu. Tempos que podem causar (n)uma mulher. E uma mulher que lê outras mulheres. E que conversa com elas. E que pare (de parir) com elas. E que parteja – de parir - transfeminismos. E que parteja feminismos transversais. Texto que vem querendo arrebeitar a indeterminação e a sexualidade imposta a *um* feminismo – que tem que ser, antes, não branco, não classista, não heterossexual #Elenão #Elesnunca texto de mulherestrans (e Transvestigêneres, como diz Indianare Siqueira) que amamentam suas filhas, que acolhem suas companheiras, e que abortam com elas. Abortam também o estado em seu corpo. De seu corpo. Abortam para parir estados pretos. Novas sementes, sementes de Marielle.

Imagine que há homens ao redor. Claro. Você mesmo leitor talvez seja homem. Evidente que há homens ao redor. E eles estão representados, de novo, lá no lugar que nos é tomado, *de novo*, como violação da realidade e da política mesma, e, sobretudo, como reafirmação dessa distância, dessa alienação. Tornam-se representantes. Mas do que? Política, como eles reiteram, não é lugar para mulheres. Nem para negras, nem para pobres. É a partir do governo *desses* homens – e da impossibilidade que habitemos espaços comuns, que esse texto é escrito. Nas campanhas políticas o corpo do outro se torna o corpo do diálogo impossível, onde morrem meu afeto e mesmo minha capacidade de escuta (O que é a escuta no sistema do não-diálogo?). Antes de reforçar o outro intocável, antes de querer endereçar aquele que já se cristalizou lá naquela forma, o corpo daquele que se constitui ao modo semiotizado pelo conservadorismo fascistóide (e há mesmo fascistas auto-intitulados!), eu queria poder falar a partir de gêneros em passagem e em processo, gêneros em risco e em caminho de transformação.

Pura mutabilidade. Me coloco um enunciado perigoso, mas que talvez seja o ainda o horizonte dessa realidade: só valem feminismos se forem bastardos. Se forem atritar a borda da própria produção de gênero e da força que imprime sobre nós, sobre todas nós, 'a família como projeto', o modo de vida conservador como norma. Só valem feminismos se conseguirem perfurar a auto determinação endógena, para romper pouco a pouco, com a sensação de que falamos só entre nós mesmas, de que já temos a nossa pragmática, e que ela se polariza (ineficaz) contra a 'deles'. Só valem feminismos se forem esgarçar a produção de análises do patriarcado (dos corpos 'deles' na sua macheza intragável) - mas também aportando a si, na sua própria mutabilidade, na sua mutabilidade como movimento, de modo a endereçar a cristalização de um plano – desse plano de governo sobre nossas vidas – e destituí-lo. Mas como?

Trabalho duplo das mulheres. Digo há algum tempo, e dizem muitas comigo e eu com elas. Afinal, #VamosJuntas. Seriam os feminismos delegados à mulher como mais um 'serviço' a prestar? Mais um serviço não pago? Trabalho duplo das mulheres de estudar o plano heteropatriarcal, misógino, conservador e fascista e ainda assim inventar mundos para si, para poder agir, para existir nas suas singularidades. Ainda que precisemos criar espaços seguros para nos manifestar, e nossas próprias redes de produção e troca, é necessário assumir que esse 'trabalho duplo' não tem duas faces, ele tem um plano todo comum, um plano de contaminação. Feminismo em si é algo transversal. E temos saberes concretos, traficamos esses saberes de resistência entre nós. Feminismos transversalizantes, entre territórios, entre classes, entre raças. Só vale o feminismo se ele vai atravessando o tecido social, a partir de nossos corpos e das configurações relacionais, grupais, familiares e associativas que criamos. É impossível, por exemplo, não levar uma perspectiva feminista para a mesa de trabalho. Mas para algumas de nós é impossível. Para muitas mulheres, contudo, o seu corpo (e o prazer) são seu próprio trabalho. As putas

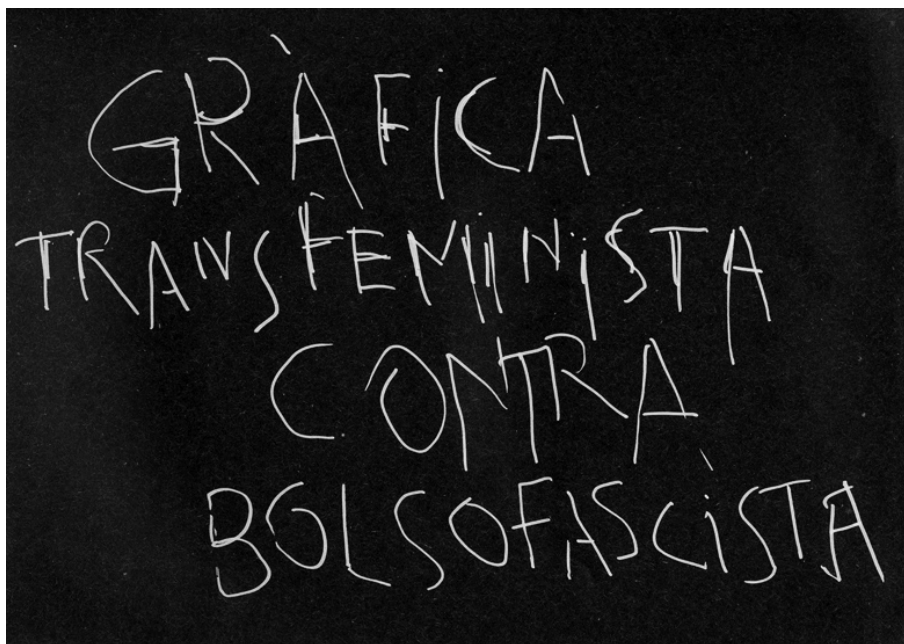
organizadas, por isso, têm muito a ensinar para os feminismos...

Para entender esse plano comum e essa perspectiva transversal é preciso abrir distinções, é preciso escrutinar. Evidente que há muitas perspectivas. Em outros momentos pesquisei os feminismos mais a partir das noções de reprodução social e trabalho reprodutivo, a partir das economias do cuidado (Ribas, 2014), ... mas acho que nesse contexto, **em que se institui um posicionamento declaradamente misógino no poder**, sem listar por hora outras atrocidades, se trata de endereçar mais **como responder a esta instituição**. Pode ser que se trate de aportarmos mais a reprodução de si como movimento, a representatividade de um movimento, diante da representatividade do estado. E talvez seja o caso de negar este estado. O estado que dessa forma se impõe. Mas não, não abriremos mão de fortalecer as pretas no poder. Este sim o estado queremos parir, pois o outro queremos abortar.

Podemos imaginar conceitos em um arranjo dinâmico. Amaya Perez Orozco (2014) diz que “sim estamos em trânsito, *es fundamental preguntarnos colectiva y críticamente hacia dónde queremos transitar.*” *Movimento, representação, estado. Feminismos*. Imagine isso tudo no espaço de sua vida, e a partir do seu corpo, o que você sente mais intimidade. Onde você se localiza. Que relações se estabelecem entre eles? Que relações a sua experiência estabelece entre eles? O que você, em sua experiência se dedica a fomentar? A desdobrar, a intervir? Agora visualize o que é mais desconhecido, o que é mais difícil de imaginar, o que pede mais simulação. O que você em sua experiência vê que se torna muito difícil de relacionar ou transpor?

Daqui a pouco esses termos voltam para este texto-colagem. Ou se organizam em um grito-colagem (ou em uma palavra-grito diria Artaud), ou ... talvez passe pela sua janela agora, um grupo que as conclama.

Já escrevi sobre um comum da maternidade, ou na criação das crianças. Aqui, essa investigação se mistura com a pesquisa sobre um comum dos feminismos e dos modos de organizar e representar. Mas um comum que quer o avesso, quer o bastardo. Os feminismos como algo bastardo, ordinário, no seu desenho de outros modos de estar e fazer mundo. ((Com nossos filhos homens? Sim, claro. Com homens, também.)) Parece que vale o mesmo para aquela separação que se coloca entre a vida da mulher e a criança na maternidade. Me explico: não é a criança que separa a mulher do mundo, é o mundo na ordem patriarcal que não acolhe essa transformação. De forma semelhante, não são os feminismos separados do mundo, endógenos à vida das mulheres cis e trans, são as concepções de mundo que achatam as singularidades e os rasgos que novas pragmáticas feministas vem provocar. Rita Segato nos conta que o feminismo é, no século XX, a maior contribuição à filosofia. Ela nos fala isso irada, diante da negação feita por um homem sobre a importância do feminismo – e da evolução do movimento Ni una menos na Argentina (link audio soundcloud <https://tinyurl.com/ybsmsf7c>). A negação dos feminismos, o seu constante silenciamento, é a própria recusa do que o feminismo vem transformar. No contexto espanhol, por outro lado, a emergência dos feminismos nas novas plataformas políticas foi um dos aspectos mais transformadores, que permitiu e segue permitindo a transformação da macropolítica de um governo historicamente colonialista e corrupto, e governo da austeridade, para um governo de direitos (ver https://youtu.be/RpTnM04p_gl). Para isso é preciso, para além de afirmar o comum do feminismo, bastardizar.



.Famílias bastardas

Ensaio anotações. Sou mulher. Duvido, contudo, da definição de gênero. Por isso digo gênero em passagem. Tenho uma filha. Mais alguns que não tive. Os filhos não paridos também nos ensinam sobre a sociedade heteropatriarcal. E sobre as redes feministas de cuidado. 38 anos. Não posso pensar que é só a partir da casa que politizo a minha experiência mulher no mundo, mas a partir da casa em conflito e do fato de que esse conflito não se fecha na casa, mas se estende à realidade social. A partir da mobilização dos feminismos como potência transformativa, e transversal, que se descola da determinação da minha própria vida (classe média, em um sentido) para a vida de outres. Coisa que, de novo, os feminismos vem romper. Vem romper a primazia do “pessoal é político”, não para destituir essa afirmação. Mas para reafirmá-la e seguir abrindo, transversalizando. O que mais há *por fazer* e para além do pessoal é político?

As famílias que apresentamos ao patriarcado não lhe agradam. E é talvez o próprio rompimento do fechamento prescrito à estrutura da família que inaugura novas redes, novas conexões. E é essa crítica à família que ainda assusta o poder conservador, visto que quebra a falácia dos abusos sistemáticos que a estrutura patriarcal acredita encobrir. Romper com a família patriarcal é romper com a falsidade que se constrói sobre um modo de estruturar a sociedade. Como é então que nos encontramos num tecido comum, mais complexo que as nossas casas, nossas relações interpessoais e nossos trabalhos? As redes de barriga, as redes das putas feministas, as redes de sororidade e apoio diversas, e as mais recentes redes de trabalho que associam e privilegiam mulheres e mulheres trans já nos ensinam suas pragmáticas sobre formas de reverter a alienação a qual querem nos regimentar.

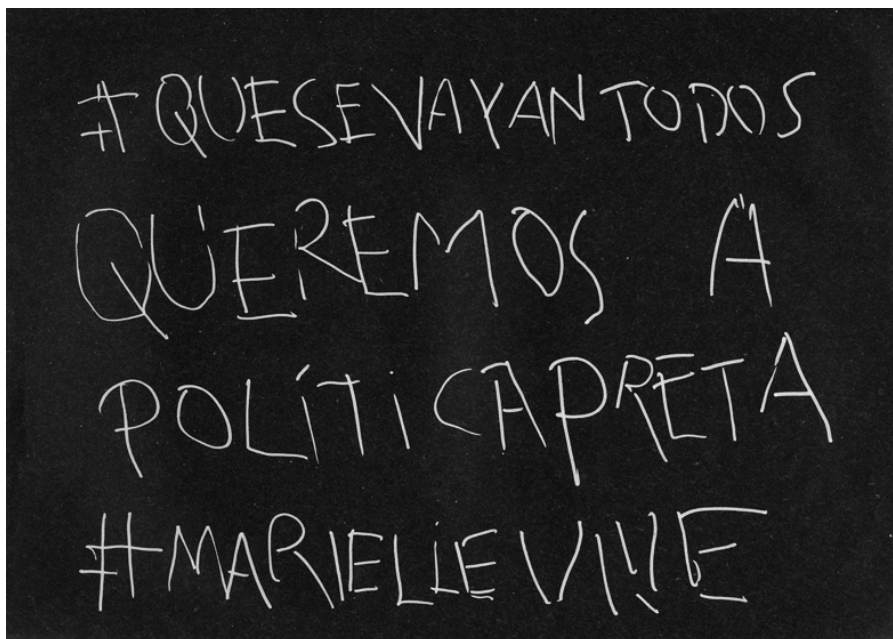
Estando perto dos 40 penso que talvez o que nos diferencie das gerações anteriores é o fato de que o ensaio de novas formas de vida esteja ainda mais despregado das binarizações e das hierarquias que nos imantam ao ambiente doméstico. O evento traumático que foi para minha mãe se separar no meio dos anos 80 não é tanto o que vivi nas minhas separações. Tudo aquilo que poderia ser estranho, e foi estranho em nossas infâncias, a nossos corpos e às referências de relação interpessoal e a maternidade mesma vem sendo desvelado. A liberdade de falar de sexualidade na gravidez, por exemplo. Outro exemplo, a liberdade de falar de auto cuidado e masturbação feminina (sem replicar sistemas punitivos como o do pão com leite condensado). Falo a partir de minha própria experiência, mas junto de muitas manas e de suas crias.

Tem uma experimentação de mundos, de subjetividades, de ancentralidades e bruxismos nos feminismos.

É preciso pesquisar a si. Colocar a si na linha de reinvenção. Levantar as referências que nos ancoram. Alguma “insistência militante” pode constituir metodologias e caminhos para pesquisarmos a nós mesmas, a si mesmas e nossas relações, de forma a buscar modificar as condições de sua própria vida – da vida em comum. O Colectivo Situaciones da Argentina que escreveu um dos textos fundantes do conceito de pesquisa militante fala que a pesquisa militante modifica 'posições': ela “procura gerar capacidade para as lutas compreenderem a si mesmas, portanto, retomar e difundir os avanços e as produções de outras experiências. Ao contrário do militante político, para quem a política sempre passa pela política, o militante pesquisador é um personagem cheio de interrogações não saturadas de significados ideológicos e modelos sobre o mundo.” (2003)

Quando digo que estamos mais despregadas quero dizer que já provocamos tanto estranhamento nas referências que nos foram passadas que as relações que criamos são cheias de um amor radical, nos afastando daquilo que ainda oprime e ainda assusta – o inconsciente de uma organização social normótica e patriarcal. Apontar para isso também é feminismo. E não, não está nem pode estar fechado a 'nossas redes'. Aquele conflito produtivo com os que amamos já modificou nossas relações. E a possibilidade de assumir isso também como ordem do dia, a possibilidade de politizar a vida de nossas filhas e filhos. Falamos por elas e com elas e eles. Lutamos pela sua emancipação. Essas perspectivas (e pragmáticas) modificam nossa percepção do mundo, nossa própria voz e corpo. Paul Preciado fala muito bem das mutações. Das experiências com seu próprio corpo, não várias, mas de uma, aquela na “espinha dorsal” (poderia dizer Elis Regina) do seu próprio corpo e na espinha dorsal da própria sociedade. Paul que era Beatriz toma hormônios todos os dias, que mudam o seu próprio corpo, e que, pode-se dizer, bastardizam o feminismo ele mesmo. E somos todos filhos bastardos nos diz Mujeres Creando. Os sobrenomes hispânicos atestam isso. Sobrenomes hispânicos em almas e corpos indígenas.

É preciso insistir que os feminismos vão muito além de uma liberação sexual da mulher, e que portanto, poderiam ser colocados de novo no espaço doméstico e privado. Há algo comum - e bastardo – então nos feminismos que não é comum só às mulheres cis gênero ou trans, elas mesmas, mas também às suas crianças, às suas configurações familiares genéticas e/ou afetivas. É que pede que se escute sim sobre a singularidade dessas vidas. Da organização dessas vidas. De suas relações de produção, inclusive. Que é que desenha essa comunalidade bastarda? O que ela demanda da sociedade? O que ela solicita? Que desafios, reinvenções, mas também imobilidades, invisibilidades, silêncios, depressões, fugas, sujeições, desaparecimentos do mundo... para angariar forças à contrapelo do sistema heteropatriarcal – inaugurando ressurgências? Buceta na mesa. Esgarçada. **Novas sexualidades, suas, outras, comunalidades. Mas também comunalidades ancestrais. Economias feministas. Pedagogias feministas. Putas que partejam. Redes de cuidado.** Contra a instituição do que só provoca violência e nunca restitui. Mesmo que coloque a restituição na sua linha de direitos. (link soundcloud para Rita Segato <https://tinyurl.com/ybsmsf7c>)



.Abortar o Estado: bloqueios, e o intolerável em nós

Diante da instituição da direita no poder é como se freássemos (em sentido de recuo) uma aposta. É todo o corpo na sua individualidade e na sua coletividade que se reconfigura. Como um recuo do desejo. Visto que *aquele* desejo projetava um *lá* possível (eleitos fossem outras e outros). Parece que seria possível um desejo em sua potência de vir a ser - política. Naquele diagrama de conceitos entre representatividade e movimento, que abandonei mais para cima no texto, se não fosse a direita, essa direita do leite condensado, é como se houvesse a possibilidade de uma fluidez maior, de uma relação em si. Relação que não fosse de extrema oposição, que é o que já se concretiza e não para de se anunciar. Achatamento das singularidades e replicação de sujeitos privados da capacidade de diferir. Macrofascismo dos corpos, e dos corpos que julgam qualquer modo de vida diferente do seu. Ao passo que me lembro do salto algorítmico e nas ruas do #Elenão.

Diante da pergunta “o que fazer?” parece que podemos trazer outra pergunta na sequência: “como nos reproduzimos?” - pergunta feita por Silvia Federici, a partir de sua perspectiva feminista. O que fazer e ou como se reproduzir endereça a extrema urgência de organizar-nos – mais e mais. Quem, onde e como, claro, escuro.

“O que fazer? Organizarmos.” Foi a organização que levou as pretas ao poder. Nos reproduzimos, como movimento, inventando modos de organização... em micro escala, atravessando aquela aparente limitação “o pessoal é político” para aportar formas mais coletivas. Grupais, sociais, auto-gestionadas. Como organização digo organização política e com atenção micropolítica: não se trata de reproduzir modos fixados, hierárquicos, mas se trata de aprender de outros grupos, ocupações e movimentos, das lutas raciais, das redes de saúde mental, das prostitutas, das gráficas feministas, das redes trans e queer. Se trata de manter a atenção na micropolítica das relações, dos desejos, das capacidades que emergem das perspectivas feministas transversais. Os feminismos vem falando disso, e há muito.

O cenário da ‘crise’ que reinstala a alienação e a individualidade instala também a ordem do salve-se quem puder deixando-nos impotentes. E esse é um campo de ação. Tal como

as escutadeiras e escutadeiros, e conversadeiras várias que apareceram no ciclo entre os turnos eleitorais para instituir o vira-voto. Diante da instituição da crise e agora da instituição do pão com leite condensado heteropatriarcal, é preciso, é urgente reinstaurar capacidades. Marcia Tiburi escreve que “o ódio ao outro cresce em uma sociedade em que está em jogo também o extermínio da política”. E que “a aniquilação da política é a aniquilação do social que precisa ser introjetada pela pessoa concreta, ela mesma cancelada como ser social.” (2015, p. 32). A decomposição das diversas capacidades inclusive a de nos tramarmos coletiva e socialmente, produzindo política, é sem dúvida um dos objetivos do heteropatriarcado no poder. Diante disso, é preciso reinstaurar os valores que são motores da vida. Rita Segato diz que é preciso produzir retóricas de valor para o que sim já temos. Já temos entre nós. #Vamosjuntas

Augusto Boal escreveu que “não devemos 'ritualizar' as relações humanas, mas sim mostrar que já estão ritualizadas e indicar como poderemos destruir esses rituais para que se destrua o sistema injusto e se possa criar um novo (Boal, 1991, p.17-18). Ele está falando de rituais de posse, obediência, caridade, resignação, etc “que devem ser desmistificados e destruídos” (idem). Uma expressão intensiva mas que nos ajuda a dissecar de que maneira agem as capturas em nosso dia a dia, que reproduzem em nós modos de reprodução social alienantes. Respondemos a isso a partir de nosso modo de reproduzir, como movimento, e queremos seguir.

Há algo que emerge abruptamente e que torna evidente a intolerância do poder heteropatriarcal. É que não nos saem de cima. Intolerável em nós a emergência da sua opressão, intolerável o que expressam sobre a força de nossas vidas – diante do que era intolerável para eles – a emergência de uma mulher negra, lésbica, favelada, na política. Na política que destituía seus poderes corruptos. **O intolerável para eles leva, contudo, ao assassinato. Ao assassinato de Marielle Franco.** Como dar voz e vez ao intolerável em nós? Como dar corpo a nossas emergências? Textos enunciativos, estratégias, modos que façam emergir nossas anonimidades, nossas comunidades, uma concatenação de palavras e passagens, esse lugar mesmo, esse lugar de produzir, sem receio, o que chamo aqui de um *feminismo tardio*, e, ou de um *feminismo bastardo*. Um feminismo anti-fascista. Não, não a autoafirmação das redes privilegiadas dos coletivos brancos e coloridos, mas também. Não, não a autoprecarização do trabalhar menos para podermos cuidar de nossas filhas, mas também. Não, não delegar às mulheres já organizadas que organizem também a vida de outras, privilegiadas. É preciso organizar a si no movimento. É preciso sinalizar, e bem: algumas de nós organizam porque precisam, por necessidade, outras organizam porque lhes convém. Sem dicotomizar, para não nos congelar, é preciso apostar nas passagens.

É preciso agarrar pautas concretas, é preciso virar as pautas que eles confundem. E é preciso abortar o estado de nossos corpos. A proibição e a criminalização do aborto, por exemplo, é tomada como uma das principais bandeiras da direita conservadora do Brasil, como se o aborto fosse a negação máxima do cuidar. E como se fossem o estado e a igreja aqueles a prover a tutela mais segura e mais eficaz sobre essas vidas. Nesse assunto as vidas a serem cuidadas, dizemos, devem ser as vidas das mulheres. *Nosotras decidimos*. Nós decidimos. A defesa da vida para o conservador é uma. A defesa da vida para as lutas feministas é outra – é a vida com autonomia de auto-governo. A vida sem tutela, a vida sem captura de seu valor. A evidência do valor da vida não é algo que uma perspectiva feminista vá deixar para o conservador e a conservadora, para o neofascista governar. Escreveu Amaya Peres Orozco, feminista espanhola, “el primer supuesto habla de que la vida es vulnerable y precaria y de que esa condición humana básica hay que resolverla en común, en interdependencia.” (2014) E cita Zygmunt Bauman quando ele diz

que se deve medir a qualidade da sociedade pela qualidade de vida dos mais vulneráveis. Ou seja, é das redes elas mesmas, é do movimento na sua relação mais interpessoal e mais proximal que se podem projetar direitos, leis, cuidados a serem instituídos. Lutar pelos direitos já adquiridos, que não vamos abrir mão. É preciso apostar na *ação e na criação* de relações, de estratégias, de parcerias, de instituições, entre outros. Incansavelmente sim. Mas também criando espaço para descansar. Para fortalecer as amizades. Os afetos não fascistas. E diante dessas redes fortes, que entendem o valor da vida como proliferação das linhas vitais, vale portanto para o estado heteropatriarcal que se impõe o mesmo que se diz sobre o direito ao aborto - é preciso abortar o estado heteropatriarcal de nossos corpos. E gestar apenas aquele estado da política preta, que é capaz de parir corpos livres.

Bibliografia

Boal, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

Bernardes, Aline. “O movimento negro resiste para ocupar os lugares institucionais”, diz Talíria Petrone. Em: Alma Preta. Disponível em [<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/o-movimento-negro-resiste-para-ocupar-oslugares-institucionais-diz-taliria-petrone>] Data: 5/11/2018

Colectivo Situaciones. *Sobre el militante investigador*. Disponível aqui [<http://eipcp.net/transversal/0406/colectivosituaciones/es>]

“La apuesta del gobierno feminista en el Ayuntamiento de Barcelona”, com Gala Pin y Laia Forné. Disponível em [https://youtu.be/RpTnM04p_gI]

Mazza, Luigi. “Mulher negra (não tão) presente: Representatividade de mulheres pretas e pardas, maioria da população brasileira, cresceu 38% nas eleições; participação dos homens brancos é 15 vezes maior do que a das mulheres negras” Disponível em [<https://piaui.folha.uol.com.br/mulher-negra-nao-tao-presente/>] Data 12/11/2018.

Orozco, Amaia Perez. *Subversión feminista de la economía: aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2014

“Pensar el feminismo – una conversación con Rita Segato y Raquel Gutiérrez”. Em: <https://soundcloud.com/traficantesdesue-os/pensar-en-femenino-una-conversacion-con-rita-laura-segato-y-raquel-gutierrez>

Paul Preciado, *Quem defende a criança queer?* Tradução de Fernanda Nogueira. Disponível em [<http://desarquivo.org/node/1704>]

Ribas, Cristina. “Infraestrutura: Maternidade / paternidade / economia do cuidado / trabalho” Em: Ribas, Cristina et al. *Vocabulário político para processos estéticos*, Recife/Rio de Janeiro: Editora Aplicação e da editora, 2014. Disponível em [<http://vocabpol.cristinaribas.org/infraestrutura/>]

Tiburi, Marcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2015